

DUAS MEGACRISES E TRÊS CULPADOS

por Samuel Costa Filho*

Em grande parte dos anos 1970 e 1980, ocorreu uma convergência de interesses e foi idealizado um projeto integrado, partindo de *Wall Street* de *Washington*, baseado na ideologia de livre-mercado, de extrema-direita, legitimando o retorno das novas perspectivas do livre-mercado, do *laissez-faire*, que foi chamado de "neoliberalismo". Esse projeto propagava as virtudes do capitalismo americano, do seu sistema financeiro, das práticas e das inovações financeiras e do processo de desenvolvimento da globalização financeira da economia.

A partir de então, baseada em versões do credo financeiro da economia neoclássica, foi gestada uma total subordinação das funções do sistema de crédito à autoexpansão do capital dinheiro, dando origem a uma dinâmica denominada de financeirização da economia. Nesse processo, a financeirização distorceu o sistema financeiro e passou a comandar uma lógica que era o resultado da forma que os financistas e os economistas de mercado inventaram para tornar os rendimentos dos rentistas muito elevados e acima da taxa de lucro normal dos empreendedores capitalistas e, assim, justificar suas polpudas e astronômicas comissões.

Nesse projeto, todas as atividades da economia capitalista submergiram sob o manto do capital dinheiro, no sentido de que este último passou a absorver parcelas crescentes dos lucros gerados em todos os outros setores da economia. Esse foi o modelo que ascendeu à dominância, com o "Novo Sistema de Wall Street", e que passou a ser difundido mundo a fora, tendo sido um gerador de riqueza extraordinária para o sistema financeiro hegemônico americano e para os profissionais de mercado.

Um ultraliberalismo passou novamente a comandar o pensamento econômico e avançou nas esferas da vida política, social, econômica e intelectual das sociedades capitalistas ao redor de todo o mundo. O discurso predominante voltou a

assegurar que esta era a única e a melhor via para a condução da economia e até para a solução da crise econômica que assolava o capitalismo diante da situação de estagflação dos anos 70.

Ante essa avalanche neoliberal, os anos 80 assistiram o retorno da hegemonia da ortodoxia, baseada nas forças do mercado, como único elemento capaz de promover, por si só, a melhor alocação possível dos recursos e propiciar o mais elevado nível de bem-estar. A força e arrogância desse discurso liberal foram tão grandes, que chegou ao ponto de a primeira-ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher, afirmar, na época, que: "*There is no alternative*".

Esse discurso aproveitou o crescimento intermitente e cada vez mais débil do capitalismo para produzir um ataque ideológico ao Estado, com o retorno da ideologia da supremacia dos mercados, pregando a eficiência do setor privado sobre o ente público, e de um discurso apoiado somente na ótica da eficiência econômica, eficácia e capacidade de resolver os problemas baseados na linha do menor custo (via *downsizing*, reengenharia, privatização, corte nos gastos sociais, extinção dos direitos trabalhistas, etc.). Desse modo, quanto menos Estado, melhor para o desempenho da economia.

Os neoliberais, apoiados em clichês imbecis, propaganda vulgar e ideologia barata, passaram a uma pregação de versões distorcidas da chamada "Ciências Econômicas", posicionando-se como se fossem as "Únicas Verdades Absolutas", as únicas que expressavam a verdadeira rota rumo ao desenvolvimento econômico para todo e qualquer país. Para que ocorresse o desenvolvimento econômico, pregavam que se tornava necessário aderir incondicionalmente ao processo de globalização em curso e utilizar um *modelo único* para todos os países, realizando um necessário "dever de casa" - se é que se pretendia entrar na rota do desenvolvimento e se beneficiar dos frutos dessa globalização.

Essa ideologia liberal passou a ser dominante em todos os países latino-americanos. A mesma ideologia foi também, avassaladoramente, bancada pela mídia nativa brasileira - principalmente pelos ideológicos comentaristas de economia da mídia conservadora, apoiados nos discursos de Financistas Profissionais, Analistas de Mercado, Economistas com PhD (formados nos EUA) e de Publicistas vulgares.

Foi uma época de predomínio do pessoal da "bufunfa", principal divulgador da financeirização e dos notáveis benefícios da globalização financeira, que, inicialmente, foi implementado em diferentes países da América Latina, nos anos 80, e que somente penetrou no Brasil no início dos anos 90.

Na sociedade brasileira, foram o PSDB e o DEM, unidos, que defenderam ardentemente a ideia do "Estado Mínimo" e vangloriavam o "Deus-Mercado", classificando o Brasil como um país arcaico, de caipiras, que precisava mudar - mudar rumo à lógica ultraliberal, de entregar o patrimônio público ao setor privado.

Os defensores ferrenhos do neoliberalismo e a mídia conservadora, capitaneados pelo grupo dos Marinho, pelas publicações dos Civita, pelo jornal dos Mesquita e o dos Frias, bombardearam as mentes dos brasileiros em favor desse projeto, procurando manter o Brasil refém da agenda conservadora. Os columnistas econômicos, tendo à frente Miriam Leitão e Carlos Alberto Sardenberg, disseminaram a noção de que a economia brasileira deveria seguir somente os ditames do "Deus-Mercado".

Essa mídia, apoiada em sua relação umbilical com os economistas do *mainstream*, para sorte da economia brasileira, somente conseguiu convencer a sociedade a aderir ao neoliberalismo após a implementação do Plano Real, já no governo de Fernando Henrique Cardoso. Desse modo, o neoliberalismo penetrou tardiamente no Brasil dos anos 90.

Apoiados em uma atitude de arrogância ideológica, pregaram que os mercados são autorreguladores e autoequilibrantes, possuindo uma dinâmica virtuosa de contínua expansão da atividade econômica. Criticaram toda e qualquer política de planejamento e intervenção econômica do Estado, taxando-as de "populistas", mesmo até as que procuravam reduzir as flutuações cíclicas dos níveis de produto e emprego.

Os economistas ortodoxos consideravam-se os únicos e verdadeiros profissionais na área das Ciências Econômicas, desprezando toda e qualquer análise de política econômica alternativa.

Esses ultraliberais transformaram o liberalismo em neoliberalismo e divulgaram uma ideia de liberalismo individual mais radical e doutrinário que o pregado pela escola liberal anterior. Suas atitudes propiciaram que as finanças fossem dirigidas rumo à financeirização.

Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central do Brasil, no período de 1997 a 1999, economista que pensava ser portador da "verdadeira Ciência Econômica", resumiu bem a arrogância e o clichê barato recorrente dos mercadistas nos anos 90, ao afirmar que "*o objetivo das políticas econômicas implementadas na economia brasileira dos anos 90, era desfazer 40 anos de estupidez e que a única escolha era ser neoliberal ou ser neo-idiota*" [grifo nosso].

Na sociedade brasileira, quem pensasse de forma diferente dos ideólogos do *mainstream*, não tinha espaço na mídia falada, escrita e televisada. A heterodoxia, mesmo alertando sobre os sérios perigos da adoção das medidas liberalizantes, pregava no deserto; pois, o pensamento convencional, mesmo equivocado, dominava.

Porém, a atual crise econômica mundial e o colapso da ordem financeira internacional puseram à mostra a deficiência da Ciência Econômica Ortodoxa, o falso discurso e a propaganda barata em que estava apoiada. Os números do desempenho econômico revelam também que foi falsa a ideia de prosperidade, de "idade de ouro", como era comum na propaganda e no discurso dos mercadistas.

Além de deixar como herança a maior crise do capitalismo pós-1929, crise essa que pode desabar em uma recessão global severa, o resultado de todo esse processo ultraliberal foi marcado pela existência de um período de elevada instabilidade macroeconômica, em diversas economias de todos os continentes, pela elevação da taxa de desemprego, concentração da renda e do capital e um conseqüente aumento da exclusão social, principalmente onde o *modelo* dos neoliberais foi implementado.

Embora a atual crise econômica global não represente o fim das economias de mercado, a crise global demonstra, novamente, como em 1929,

que as economias de mercado capitalista, abertas às transações comerciais e financeiras, não passam de um regime econômico repleto de deficiências e que o discurso dos liberais é uma fraude.

A crise mostra e evidencia não somente o fracasso do modelo de capitalismo liberal desregulamentado, do tipo *laissez-faire*, mas também, e acima de tudo, o fracasso do modelo e do sistema financeiro anglo-saxão sem supervisão, que era respaldado na teoria das expectativas racionais do *mainstream*.

Chega a ser surpreendente que estes economistas de mercado, até agora, não tenham vindo a público pedir desculpas e dizer que estavam equivocados. Não apresentaram um *mea culpa* e nem, sequer, uma explicação adequada a respeito do imenso fracasso das políticas e recomendações liberais. Depois de duas décadas e meia de hegemonia no campo do pensamento econômico, não tiveram a coragem de assumir sua culpa e a da sua teoria econômica na gestação da crise.

Acontece que alguns economistas estão a questionar o *mainstream*. Delfim Netto, no jornal Valor Econômico, afirmou que o desastre global foi produzido pelos economistas da ortodoxia e seu enganoso consenso; também critica os economistas que se julgavam portadores da “verdadeira” Ciência Econômica e o grande fracasso da economia ortodoxa acadêmica.

Um professor de Harvard, Dani Rodrik, por outro lado, afirma que *“A falta não reside no campo da economia, mas no campo dos economistas. O problema é que os economistas (e os que lhes dão ouvidos) ficaram excessivamente confiantes nos seus modelos preferidos do momento: os mercados são eficientes, a inovação financeira transfere risco aos melhor capacitados para arcá-lo, a auto-regulamentação funciona melhor e a intervenção do governo é ineficaz e prejudicial”*.

Diante dessas duas opiniões, a lição principal a se tirar dos efeitos deletérios da derrocada global é que não somente a teoria econômica do *mainstream*, mas também os economistas ortodoxos têm imensa responsabilidade pelo ocorrido. Porém, Delfim e Rodrik esqueceram o importante papel que desempenhou a grande mídia na divulgação e glorificação dessas recomendações de política. A mídia conservadora,

apoiada em seus conhecimentos técnicos, que lhes conferem uma posição privilegiada de formadores de opinião, viabilizou o domínio do fracassado Consenso. Assim, os economistas ortodoxos (primeiro), o domínio das teorias da ortodoxia (também) e a grande mídia têm total responsabilidade na produção da crise atual (principalmente).

Os economistas ortodoxos, competentes membros do *mainstream*, doutores das mais sofisticadas matemática e econometria, ignoraram elementos fundamentais que guiam o comportamento do mundo real. Seus modelos e o de suas preferências são baseados na beleza dos seus axiomas sem levar em conta a realidade do mundo capitalista e nem procurar entender como funciona o sistema econômico. Ocorre que o funcionamento da economia é influenciado e dirigido por variáveis muito mais amplas, mais ricas e sofisticadas que as políticas econômicas encontradas nos *modelitos* matemáticos do *mainstream*.

A megacrise global confirma a velha afirmação de Marx: **“A história repete-se duas vezes: a primeira como tragédia, a segunda como farsa”** [grifo nosso]. A história econômica da crise do modelo liberal de 1929 terminou com a tragédia do fascismo e a 2ª Guerra Mundial. A crise atual, recém-iniciada, revela a farsa e o embuste que foi o período neoliberal.

Ambos os períodos apresentaram muitas semelhanças e a mesma natureza do funcionamento do capitalismo liberal e suas características foram, proposadamente, escamoteadas pelos analistas de mercado - entendidos como os gestores de fundos e os economistas ligados a instituições financeiras, ou seja, os principais divulgadores do neoliberalismo.

Resultado: as semelhanças e a natureza do liberalismo dos anos iniciais do século XX e a do ultraradical neoliberalismo produziram um “capitalismo liberal responsável pelo estouro das duas maiores crises por que passou o sistema capitalista, a de 1929 e a que se iniciou em 2008”. Duas megacrises - pois, a atual crise econômica global será mais longa e profunda do que é entendido pela mídia.

O ajuste global será demorado e os resgates dos governos serão, a cada dia, mais necessários para tentar estabilizar o capitalismo global. Convém

lembrar que, na atualidade, a economia global não está pior graças às despesas trilionárias e aos pacotes emergenciais dos governos que, antes, eram criticados por aplicar políticas “neo-idiotas”.

O desenvolvimento econômico do capitalismo parece repetir uma daquelas reprises chatas da Sessão da Tarde. É a mesma história da década de Trinta, do século passado: farra financeira, mercado soberano e livre de quaisquer amarras e não controle por parte do Estado, que acaba, em consequência dessa política, em derrocada global, com graves desdobramentos sociais. Em meio à essa megacrise, para arrumar a economia, faz-se novamente necessário utilizar a fórmula Keynesiana na condução da política econômica, voltando-se à intervenção estatal para pôr no trilhos a economia, nesse nosso maravilhoso mundo liberal do século XXI.

Os impactos da crise econômica mundial estão pondo à mostra a fraude midiática e do consenso liberal-conservador em defesa do capitalismo de *laissez-faire*. Conforme demonstraram Keynes e Max, o capitalismo é intrinsecamente instável e desigual e produz crises periódicas devastadoras, necessitando da salvação via socialização dos prejuízos pelo “ineficiente” Estado.

Na realidade brasileira, os que sempre apoiaram as teorias liberais do Estado-Mínimo, querem, hoje, atribuir a culpa da crise que penetra a economia brasileira ao governo Lula, pelos efeitos da crise. Todavia, a crise decorre das políticas e práticas que foram por eles recomendadas e alimentadas via neoliberalismo.

Convém acrescentar, ainda, que, conforme demonstra José Paulo Kupfer, em seu Blog e apoiado em pesquisa de Leandro Modé, gente muito boa à frente de alguns dos mais renomados e mais em plumado economistas do tucanato embarcou na mesma onda da tese do descolamento: *Arrínio Fraga, Gustavo Franco, Edmar Bacha, Ilan Goldfajn, Márcio Garcia, Eduardo Loyo, Maílson da Nóbrega, Cláudio Haddad, Márcio Cypriano e Fabio Barbosa*, são os nomes pesquisados, mas esqueceram os Mendonça de Barros.

Assim, ao invés de assumir sua parcela de culpa nessa fracassada política neoliberal, espanta ainda observar que este mesmo grupo, que ajudou a disseminar essa ideologia barata, estreita e arrogante, responsável pelo atual desastre

econômico global, continua ainda ocupando espaço privilegiado na mídia conservadora. Esse grupo continua opinando, como se tudo continuasse como antes e nada tivesse acontecido no que diz respeito ao fracasso de suas teorias, de seu saber e rigor científico - continua arotando opiniões definitivas sobre a política econômica e sobre como o governo brasileiro deve agir.

Devido à megacrise que se desenvolve, esses economistas e a teoria econômica ortodoxa têm muito que responder quanto à legitimação e popularização das ideias em defesa da financeirização da economia, perante a sociedade, e contra os perigos da “regulação excessiva do Estado”.

Todavia, não são os únicos responsáveis. A grande mídia conserva também parte importante no processo - é responsável pela disseminação e popularização das principais ideias. Como acontece ainda hoje, mesmo diante de uma nova realidade, a grande mídia continua a reservar espaço cativo e preferencial para os economistas ortodoxos e os profissionais de mercado. Aí, os “cabeças de planilha”, na feliz expressão de Luis Nassif, continuam fazendo previsões irresponsáveis, com base nos mesmos *modelitos*, como se o retumbante fracasso das suas receitas de política econômica e de seus modelos de funcionamento do capitalismo não tivessem provocado essa megacrise.

* Professor Adjunto da UFPI, Chefe do Departamento de Ciências Econômicas e Mestre pelo CAEN/UFC.